

Sebastião da Gama

O Poeta da Arrábida

Por: José Alberto Ribeiro¹

Versos ao Mar

*Quando eu cair exausto
sobre as conchas da praia e fique ali
doente e sem ninguém,
hás-de ser tu quem me trate. Quero que sejas tu a minha Mãe.*

Versos para eu dizer de joelhos

*- Eu não quero cantar-te, minha Amante,
Minha Mãe, minha Irmã, minha Senhora:
eu só quero entender-te toda a vida
como te entendo, Serral, nesta hora.*

In Serra Mãe

Sebastião Artur Cardoso da Gama morreu aos 28 anos na cidade de Lisboa vitimado pela tuberculose, no ano de 1952. Natural de Vila Nogueira de Azeitão, desde cedo viveu, por indicação médica, em contacto com um dos mais imponentes monumentos naturais portugueses: a Serra da Arrábida. A serra será a fonte constante do imaginário poético deste escritor, que se estreia na poesia em 1945 com a sua primeira obra: Serra Mãe. Seguir-se-ão Loas a Nossa Senhora da Arrábida (1946), Cabo da Boa Esperança (1947), Campo Aberto (1951), Itinerário Paralelo, O Segredo é Amar, Pelo Sonho é que Vamos (1953), o Diário (1958) e Cartas.

Enquanto estudante, Sebastião da Gama passou parte da sua breve vida no Portinho da Arrábida. Licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A sua simplicidade, autenticidade e humanismo granjearam-lhe grande simpatia entre todos aqueles com quem lidou, da sua terra natal à Escola Comercial e Industrial de Estremoz, onde leccionou. A sua curta passagem pela vida e amor fraterno pelos outros, nomeadamente, pelos seus alunos pode resumir-se numa frase da sua autoria: bendito seja Deus que me fez professor.

Para o poeta, a Arrábida simbolizava a beleza, o isolamento e a meditação, sensações às quais esse lugar convidava. Os poemas foram o meio ideal para Sebastião da Gama expressar, através da sua grande sensibilidade e gosto pelas letras, todos os segredos que conhecia da Arrábida, sobretudo na



obra Serra-Mãe, onde o poeta faz a exaltação da natureza com um romântico estímulo de envolvimento com ela. O escritor sabia qual a melhor hora para se isolar na Pedra da Anicha, para ver o mar em Alportuche ou para estar na Mata do Solitário. Conhecia todos os sons que a mata produzia consoante as diferentes horas do dia e da noite, assim como as diferentes tonalidades do azul do mar. Durante a sua primeira fase literária, a solidão da serra foi-lhe indispensável como fonte de produção e inspiração.

A poesia de Sebastião da Gama é assim o resultado da plena comunhão entre o seu espírito sincero e sensível e as coisas que o rodeavam: as referências à Natureza, com destaque para os poemas dedicados à serra e ao mar da Arrábida, ao tempo (manhã, tarde, crepúsculo e noite), à religiosidade lírica, aos seus amores ingénuos e dramas mais íntimos - estes últimos expressos nos seus lamentos de tristeza, acentuados pela consciência de ter uma missão impossível de cumprir em virtude da sua débil saúde -, a sua solidariedade para com os outros e a revolta compensada com rasgos de alegria e coragem de viver.

A sua poesia de afectos dedicada à cordilheira da Arrábida é o espelho de um local marcado por Deus, misto de respeito e admiração pela magnanimidade da natureza, simbiose natural de todos os elementos, que provoca espanto, deslumbra e desperta a procura de uma espiritualidade do local e de encontro do próprio observador. ■■■

¹ Licenciado em História da Arte, mestrando do curso em Arte, Património e Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Técnico do Instituto Português do Património Arquitectónico, na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda.